

espetáculo solo de BRUNA LONGO

# CRIATURA

-u-m-a a-u-t-ó-p-s-i-a-







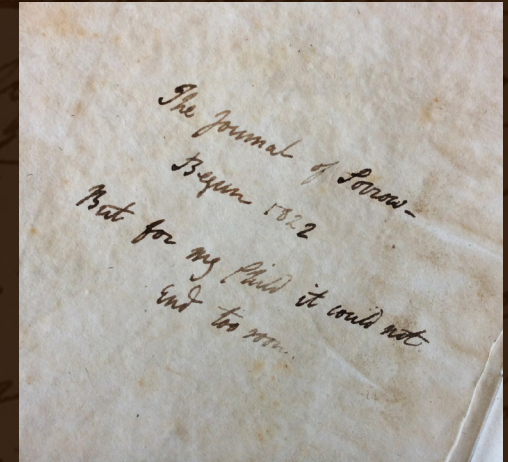
***Fricção entre o romance *Frankenstein, ou O Prometeu Moderno* e a vida de sua autora Mary Wollstonecraft Godwin (Shelley).***

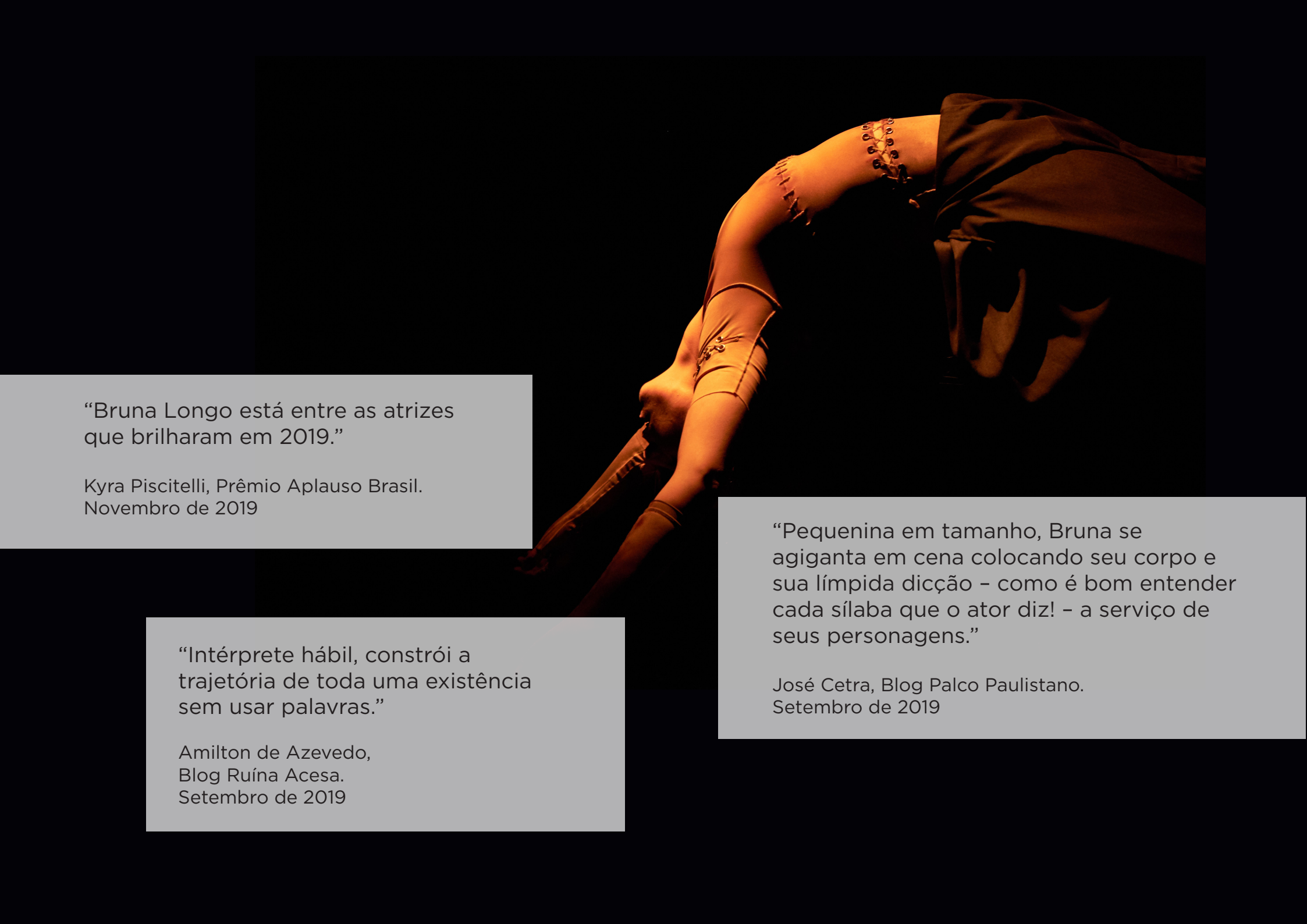


## A AUTOPSIA DE UMA OBRA, DE UMA AUTORA E DE UMA PERSONAGEM

Criatura, Uma Autópsia é um espetáculo solo de Bruna Longo, fricção entre o romance Frankenstein, ou O Prometeu Moderno e a vida de sua autora Mary Wollstonecraft Godwin (Shelley). Após uma temporada de estreia com sucesso de crítica e público, voltou em formato audiovisual durante a pandemia de covid-19.

Fruto de dois anos de pesquisas dentro e fora da sala de ensaio, o espetáculo foi originalmente imaginado como uma adaptação para o palco de Frankenstein, ou O Prometeu Moderno, sob o ponto de vista da Criatura. Mas os caminhos da pesquisa são frequentemente misteriosos: por vezes busca-se algo e outra coisa nos encontra. Ao tentar falar da Criatura cada ação, cada palavra, cada dor encontrava Mary Wollstonecraft Godwin (mais tarde Shelley), a jovem que escrevera o livro. Sua história se impunha através da narrativa que ela mesma escreveu.





“Bruna Longo está entre as atrizes que brilharam em 2019.”

Kyra Piscitelli, Prêmio Aplauso Brasil.  
Novembro de 2019

“Intérprete hábil, constrói a trajetória de toda uma existência sem usar palavras.”

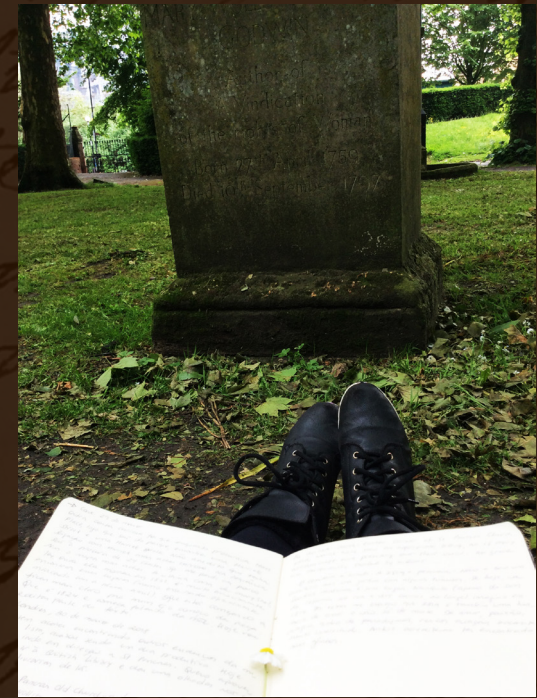
Amilton de Azevedo,  
Blog Ruína Acesa.  
Setembro de 2019

“Pequenina em tamanho, Bruna se agiganta em cena colocando seu corpo e sua límpida dicção – como é bom entender cada sílaba que o ator diz! – a serviço de seus personagens.”

José Cetra, Blog Palco Paulistano.  
Setembro de 2019



Em junho de 2018, com a pesquisa avançada e já em meio aos ensaios, Bruna Longo é convidada pela Bodleian Libraries da Universidade de Oxford e pelo curador do acervo especial Stephen Hebron a acesso total aos diários, cartas e manuscritos originais de Mary Shelley, reservado geralmente apenas a acadêmicos ligados a grandes centros de pesquisa. A visita à Inglaterra a levou ainda a todos os lugares relevantes à vida de Mary Shelley em Londres e Bournemouth (onde está o túmulo da família). Além disso teve acesso a outros documentos na British Library. Voltando à sala de ensaio, a atriz chega à versão final da dramaturgia física, criada tendo como base duas narrativas: a do romance e a da vida de Mary Shelley, buscando os pontos de fricção. Dois anos depois do início da pesquisa, o espetáculo que nunca se propôs uma biografia da Criatura ou tampouco da autora, tornou-se uma autópsia de um romance e de uma personagem, revelando as entranhas, artérias, musculatura de dores pessoais e universais.

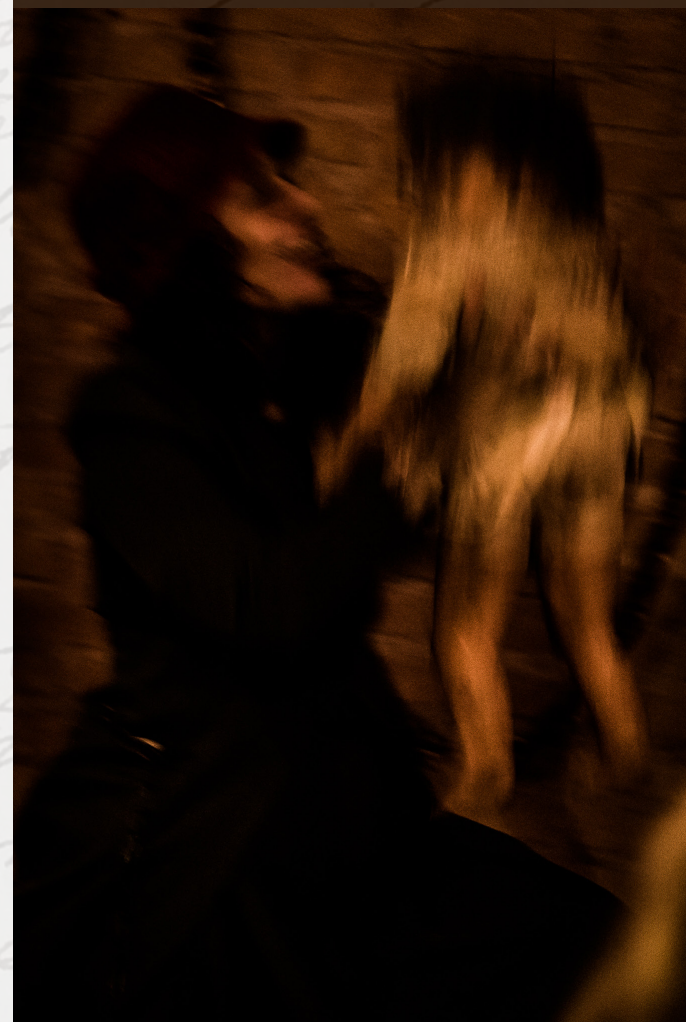




## CRIADORA

O romance Frankenstein, ou O Prometeu Moderno, publicado em 1818, é considerado a primeira obra de ficção científica e um dos livros mais famosos já escritos. A Criatura, a quem erroneamente chamamos pelo nome de seu criador, está fixada em nosso imaginário graças à interpretação de Boris Karloff no famoso filme lançado em 1931. Usamos Frankenstein como expressão para tudo aquilo que é criado a partir de partes desconexas ou sem harmonia, e quando falamos em manipulação da vida pelo homem “tentando fazer papel de deus”. É curioso, no entanto observar que a maioria das pessoas jamais leu o romance. Menos ainda se sabe sobre sua autoria. Muitos surpreendem-se quando descobrem que foi escrito por uma mulher, e mais que isso: uma menina de 18 anos.

**“Como eu, então uma menina, pude pensar e me debruçar sobre ideia tão terrível?”  
(Mary Shelley na introdução da edição de 1831 de Frankenstein, ou O Prometeu Moderno.)**





Mary Wollstonecraft Godwin (Shelley) nasceu em Londres a 30 de agosto de 1797, filha de dois dos mais célebres intelectuais da época. Mary Wollstonecraft, sua mãe, é considerada uma das precursoras do feminismo, tendo escrito, entre outros livros, “Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher”, ainda hoje estudado em universidades do mundo todo. William Godwin, seu pai, foi um famoso filósofo político e autor de “Inquérito acerca da justiça política”. Ambas figuras polêmicas e cujo estilo de vida causava assombro à sociedade inglesa. Wollstonecraft, antes de conhecer Godwin, havia tido um romance com o americano Gilbert Imlay e uma filha ilegítima, Fanny. Ela e Godwin viviam em casas separadas e casaram-se apenas quando ela descobriu estar grávida de Mary. Infelizmente, Wollstonecraft veio a falecer 10 dias após dar à luz a filha, em decorrência de febre puerperal. Godwin casou novamente, dessa vez com Mary Jane Clairmont, viúva com dois filhos: Charles e Claire, e criou Fanny como se fosse sua própria filha.

Mary Wollstonecraft Godwin foi criada em uma casa abundante de discussões intelectuais e frequentada por pensadores e escritores, admiradores de seus pais. Leitora ávida desde a infância, costumava frequentar o túmulo de sua mãe no cemitério adjacente à Igreja de Saint Pancras, onde passava tardes estudando a vasta biblioteca que possuíam. Um dos admiradores de Godwin a visitar a família era Percy Bysshe Shelley, então um poeta famoso apenas por ter sido expulso da Universidade de Oxford. Os encontros escondidos com Shelley, a quem levava ao túmulo de Wollstonecraft, desencadeariam os eventos que levariam Mary a fugir de casa e eventualmente escrever seu primeiro romance.





## E CRIATURA

A história da criação de Frankenstein é famosa e muito se escreveu sobre ela. Livros, textos teatrais, filmes. Shelley, Mary e Claire deixam a Inglaterra pela primeira vez em 1814, Mary provavelmente já grávida de sua primeira filha. Eventualmente Claire torna-se amante do famoso poeta Lord Byron e o trio parte, em 1816, ao seu encontro em uma vila às margens do Lago Genebra. O ano de 1816 ficou conhecido como o ano sem verão. Um ano antes erupções no monte Tambora, na Índia, afetara o clima de toda a Europa. Confinados dentro da Vila Diodati, Mary, Shelley, Claire, Byron e seu médico pessoal John Polidori, leem poesia, discutem ciência e a origem da vida e contam histórias macabras ao redor da lareira. O tédio traz a Byron a ideia do desafio: que cada um escrevesse uma história de fantasmas. Os famosos poetas logo abandonam o trabalho, mas Mary e Polidori persistem. E foi então, numa noite insone, como Mary mesma descreveu na introdução à edição de 1831, que surge a ideia: “Eu via – com os olhos fechados, mas com uma penetrante visão mental -, eu via o pálido estudante de artes profanas ajoelhado junto à coisa que ele havia construído. Eu via o horroroso espectro de um homem estendido, que, sob a ação de alguma máquina poderosa, mostrava sinais de vida e se agitava com um movimento meio-vivo, desajeitado. (...) Seu sucesso aterrorizaria o artista; ele se apressaria para longe de sua obra odiosa, horrorizado.” Mary imediatamente inicia o trabalho e escreve a primeira frase que viria a se tornar a mais famosa do romance: “Foi numa noite soturna de Novembro que eu contemplei a realização da minha obra.”





## DANÇAR A SOLIDAO

**“Por acaso pedi a ti, ó criador, que do barro me moldasses homem,  
por acaso solicitei-te que da escuridão me resgatastes?”  
(John Milton, Paraíso Perdido, X, 743-5)**

Frankenstein, ou o Prometeu Moderno, pode ser lido como um romance de ficção científica, como uma história fantástica, como uma metáfora para a híbris humana. Mas o caráter filosófico da obra, sobretudo na voz da Criatura, aponta para temas ainda mais humanos e universais. A tragédia da Criatura é a tragédia da solidão. Como Adão, única de sua espécie, sem qualquer ligação com outro semelhante, é condenada por ter apenas humanos como padrão e torna-se pária de si mesma. Mas diferente do mito cristão, seu único pedido ao criador, uma companhia, é negado. A solidão da Criatura encontra eco na solidão de Mary, que escreve em seu diário quando da notícia da morte de Byron, em 1824 – “Sou a última de minha espécie, meus companheiros extintos antes de mim”. Mary, aos 27 anos, já havia visto morrer não apenas três de seus filhos, mas também Shelley, Fanny, Harriet (esposa oficial de Shelley) e John Polidori. Tudo no curto espaço de tempo entre 1814 e 1822. Não à toa escrevera dois anos antes à uma amiga “Eu, você sabe, sou uma velha. Estou agora na véspera de completar meu vigésimo quinto ano”.







***Para mim, morte e vida foram desde sempre elos inseparáveis.***

***(Victor Frankenstein, em Frankenstein, ou O Prometeu Moderno, 1818, Volume I, Capítulo III)***

Para além da solidão, um dos temas recorrentes de Frankenstein é a busca da Criatura pelo entendimento não só de sua origem, mas de sua identidade. Tanto a Criatura quanto Mary são resultado de nascimentos intrinsecamente ligados à morte. A Criatura, formada de pedaços de corpos roubados em cemitérios, é como uma criança feral abandonada ao nascer e obrigada a educar a si mesma. Mary, por sua vez, carregou a sensação de responsabilidade pela morte de sua mãe, evidente em seus diários, e passou boa parte de sua vida definida pelos que a cercavam. Sobrenomes célebres que ela carregou, primeiro como filha de Mary Wollstonecraft e William Godwin, depois como companheira de Percy Bysshe Shelley. Assim como a Criatura anônima é ainda hoje erroneamente chamada pelo nome de seu criador, Mary sofreu as consequências da publicação anônima de sua primeira grande obra: acreditava-se, primeiro, ter sido escrita por Shelley (visto que era dedicada a um de seus mestres, Godwin, pai de Mary) e ainda hoje existem teorias que questionam sua autoria. Mary está consciente ao escrever o livro do peso da escolha de não batizar a Criatura: “Esse modo sem nome de nomear o inominável é realmente muito bom” escreve em seu diário. “Quem era eu? O que era eu?” é a pergunta que assombra a Criatura e que assombra a todos nós.



## CAMINHOS DA CRIAÇÃO

Para iniciar o trabalho na dramaturgia do espetáculo foi definido um recorte, inspirado no poema que Percy Shelley escreveu sobre a morte de seu filho com Mary, William:

***Nós olhamos para o passado  
e encaramos horrorizados  
os fantasmas com aspectos estranhos e selvagens.  
Nós dois ainda permanecemos,  
em uma terra solitária  
como túmulos para marcar  
a memória de alegrias e tristezas.***

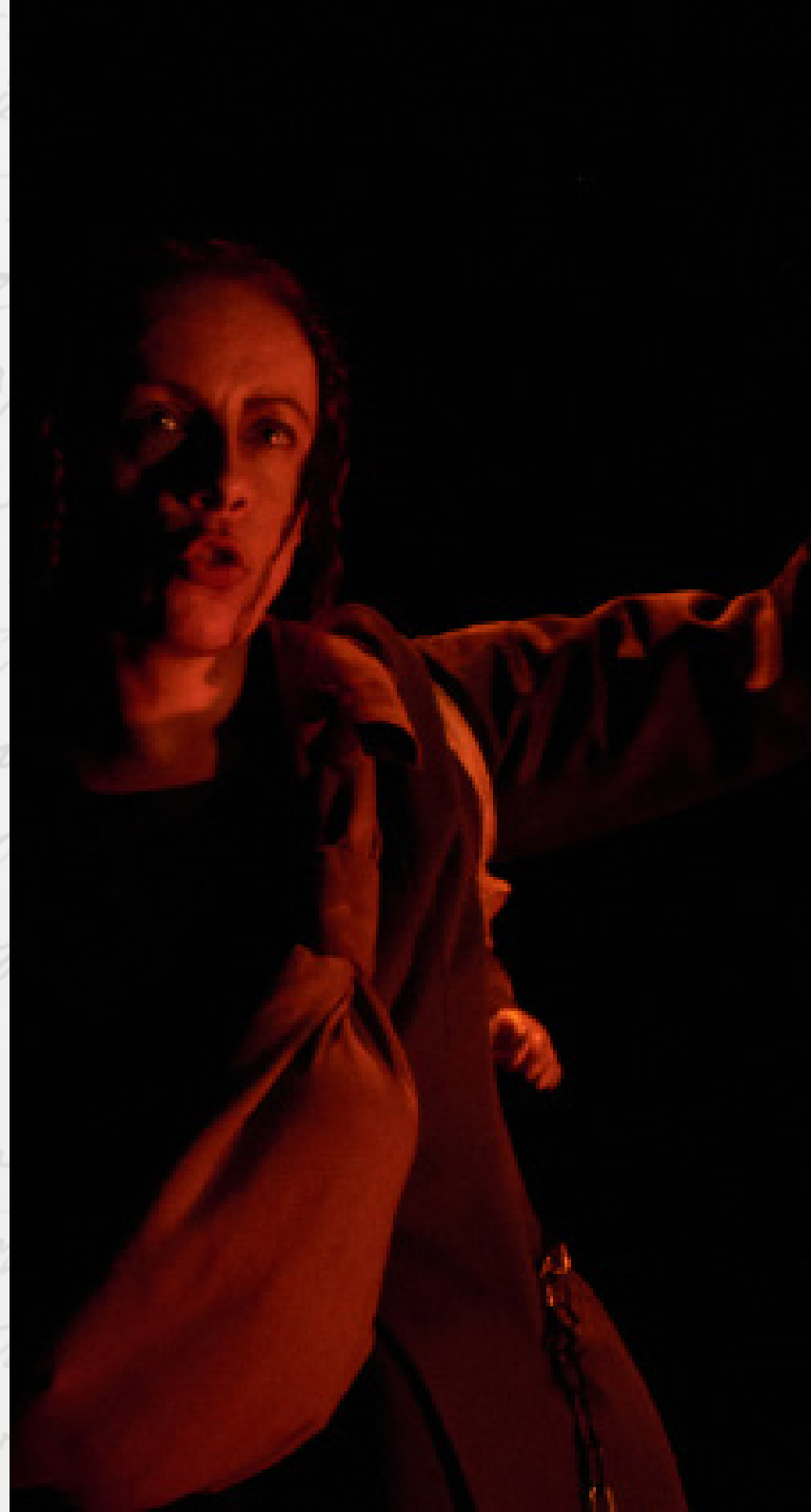
A morte, presente na vida de Mary desde seu nascimento, seria o “marcador” para a dramaturgia. Duas narrativas paralelas foram levantadas através de partituras físicas: a do romance, com as ações de Victor Frankenstein e da Criatura, e a da vida de Mary. As narrativas foram então “costuradas” a partir dos pontos de fricção entre vida e obra. No primeiro ato, Mary e Victor dividem o mesmo corpo – da coleta de materiais no cemitério à feitura da Criatura como um paralelo às inspirações que deram gatilho aos temas da obra. No segundo ato, a Criatura e o romance nascem e acompanhamos Mary-Criatura explorando as sensações desse pós-parto violento e o mundo ao redor. A morte de seu amado filho William pouco após a publicação do livro encontra paralelo assustador ao primeiro assassinato cometido pela Criatura em ato de vingança contra o criador. Mary batizara o irmão de Victor com o nome de seu pai, William. Dá ao filho o mesmo nome. Ela simbolicamente mata o pai que havia a renegado quando de sua fuga com Shelley, sem saber que a tragédia estava por vir com seu próprio filho, vítima de malária aos 3 anos de idade.





Cada morte da vida de Mary é um pedaço desse grande cadáver que é reanimado. No ano em que escreveu o livro, dois suicídios: sua irmã Fanny bebe láudano aos 22 anos, e Harriet, esposa de Shelley e mãe de seus dois filhos, joga-se no lago Serpentine em Londres. As duas mortes trazem o espectro das tentativas de suicídio de sua mãe antes do seu nascimento: os mesmos métodos, embora ambas as vezes tenha sido salva. “Ela escreveu que teve apenas um lamento: que quando a amargura da morte passou foi **inumanamente trazida de volta à vida**”.

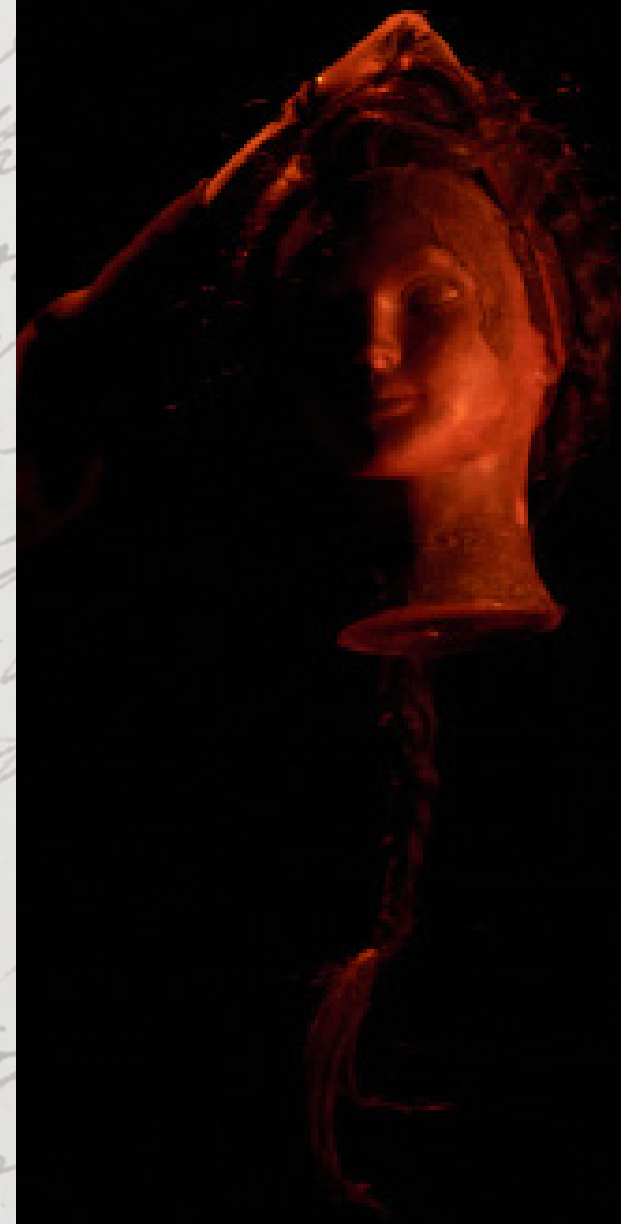
Às partituras físicas foram adicionados textos como fonte as inúmeras cartas e diários escritos por Mary, além do romance: uma longa e minuciosa curadoria para encontrar aquilo que pudesse, de forma concisa e essencial, complementar as imagens criadas dando o contexto ao espectador sem didatismo. A criação da personagem Criatura não procura manter-se fiel ao romance do que tange sua descrição física, e também não tem qualquer referência à clássica imagem do mostro verde com parafusos no pescoço. A principal inspiração foi o fenômeno conhecido como “criança feral”, crianças abandonadas pelos pais ao nascer que são criadas por animais ou sozinhas, sem qualquer referência cultural ou comportamental humanas. Uma criança feral em especial serviu para estudo de construção física: Jenny, menina americana descoberta na década de 50 e amplamente documentada por especialistas em desenvolvimento infantil.



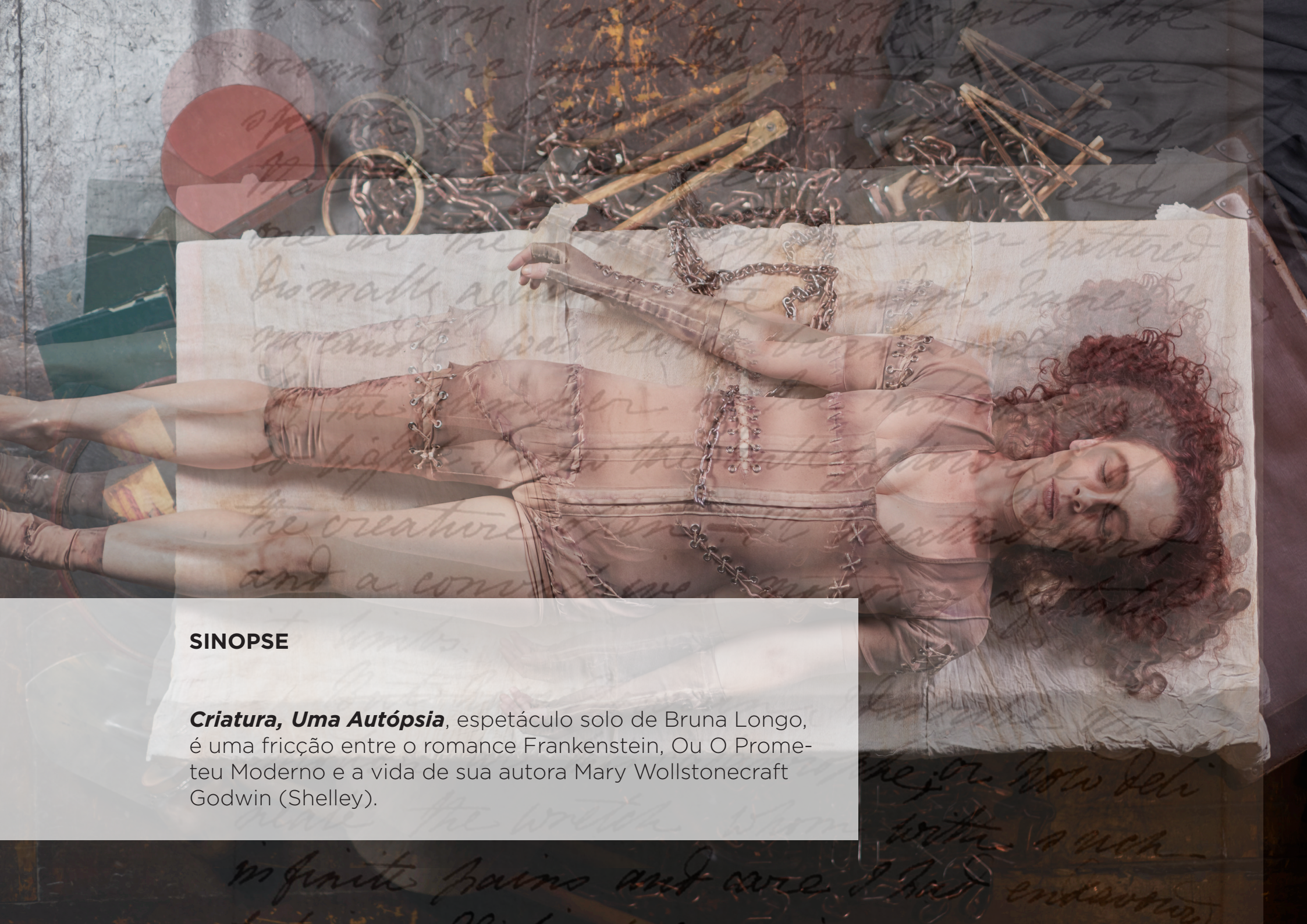


Tanto sua dramaturgia, que entrelaça e justapõe o romance Frankenstein com acontecimentos da vida de sua autora, Mary Shelley, quanto os elementos estéticos que compõe cenografia, iluminação, figurinos e música, foram pesquisados teoricamente e in loco em Londres, onde Mary Shelley nasceu e viveu. As escolhas estéticas do espetáculo sofrem grande influência do movimento steampunk, que combina elementos históricos com características tecnológicas anacrônicas inspiradas na ficção científica. A cenografia é inspirada em fábricas e hospitais ingleses da era vitoriana, com seus canos expostos e o advento da luz elétrica. Duas estruturas metálicas limitam a área cênica, assim como duas longas correntes formando um corredor. Objetos cirúrgicos vitorianos fazem parte da concepção cênica. O desenho de luz, criado por Rodrigo Silbat, inspira-se também na coloração da iluminação vitoriana e utiliza lâmpadas de filamento inseridas na cenografia. A trilha sonora, criada pela atriz Bruna Longo, foi concebida utilizando fragmentos de ruídos industriais e sons orgânicos (respiração, vozes, etc.). Kleber Montanheiro criou os figurinos: Mary Shelley em um vestido e casaco que obedecem a silhueta da época, sobre o collant cirúrgico remendado e reconstruído que cobre o corpo da Criatura.

Todo o processo de pesquisa e ensaios quanto a temporada de estreia foram realizadas sem subsídios de qualquer edital ou patrocínio, e contaram com a colaboração de diversos parceiros: Lino Colantoni (edição de trilha), Mateus Monteiro (interpretação textual), Victor Grizzo (direção de arte), Anna Toledo (canto), Kleber Montanheiro (figurinos) e Rodrigo Silbat (desenho de luz), além das duas assistentes gerais que acompanharam a atriz nos últimos meses de ensaios: Giovanna Borges e Leticia Esposito. Amigos que cederam seu tempo e talentos para fazer o espetáculo existir.







## SINOPSE

***Criatura, Uma Autópsia***, espetáculo solo de Bruna Longo, é uma fricção entre o romance Frankenstein, Ou O Prometeu Moderno e a vida de sua autora Mary Wollstonecraft Godwin (Shelley).



## FICHA TECNICA

Concepção: **Bruna Longo**

Assistentes: **Giovanna Borges e Letícia Esposito**

Dramaturgia: **Bruna Longo**

Cenário: **Bruna Longo e Kleber Montanheiro**

Cenotécnica: **Evas Carreteiro e Nani Brisque**

Figurinos: **Kleber Montanheiro**

Objetos: **Bruna Longo com colaboração de Larissa Matheus**

Desenho de luz: **Rodrigo Silbat**

Operação de Som: **Giovanna Borges / Leticia Esposito**

Operação de Luz: **Rodrigo Silbat / Giovanna Borges.**

Trilha: **Bruna Longo**

Fotos: **Danilo Apoena**

Design Gráfico: **Kleber Montanheiro**

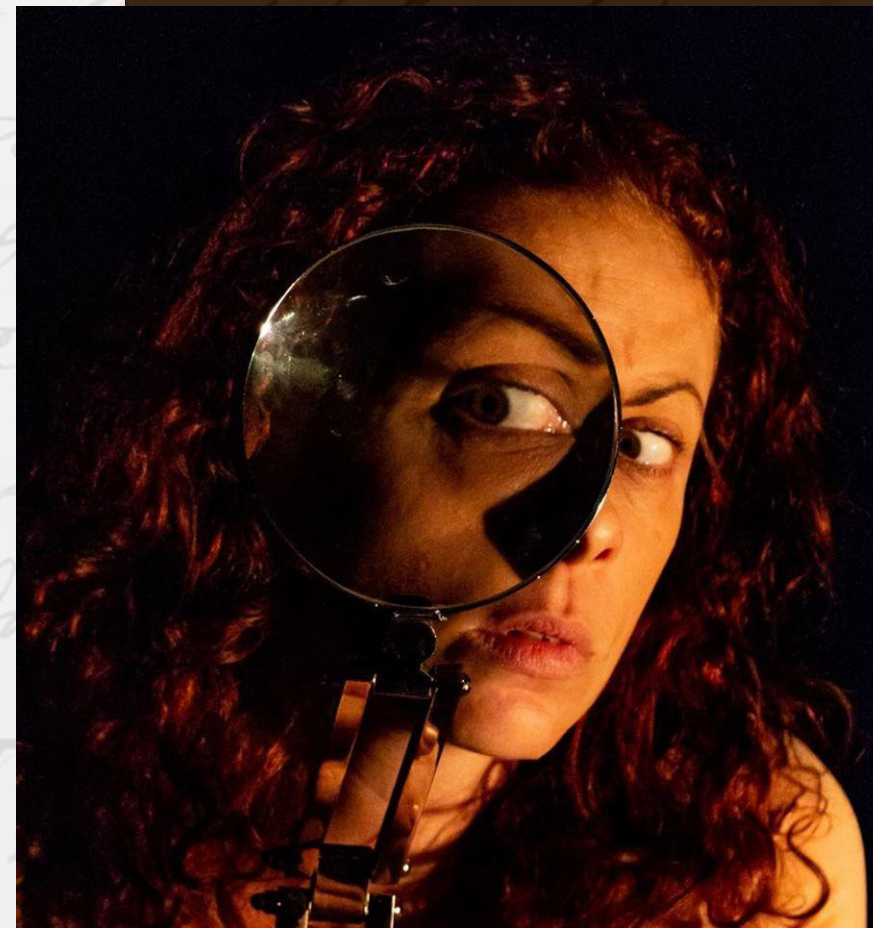
Colaboradores artísticos: **Larissa Matheus (provocações de dramaturgia), Lino Colantoni (edição de trilha), Mateus Monteiro (interpretação textual), Victor Grizzo (direção de arte) e Anna Toledo (canto).**





## HISTÓRICO DO ESPETÁCULO

Criatura, Uma Autópsia realizou aberturas de processo no Espaço Elevador (SP), Teatro Irene Ravache (SP), Teatro de Contêiner Mungunzá (SP), Núcleo Educatho (São Francisco Xavier / SP) e Escola Nacional de Teatro (Santo André) antes de realizar temporada de estreia na Oficina Cultural Oswald de Andrade (SP) em agosto de 2019 (sendo estendida até fim de setembro). Em novembro de 2019, realizou curta temporada no Espaço Cia da Revista (SP). Foi indicado ao Prêmio Aplauso Brasil 2019 na categoria Melhor Atriz. Em 2021, cumpriu circulação em versão audiovisual por quatro teatros da cidade de São Paulo (Teatro Cacilda Becker, Arthur Azevedo, João Caetano e Alfredo Mesquita) como parte do Projeto Anônimo Muitas Vezes Foi Mulher - circulação dos solos autorais femininos Criatura, Uma Autópsia, Inventário e Quebra-Cabeça, idealizado por Bruna Longo e contemplado pela 11ª Edição do Prêmio Zé Renato de Fomento para o Teatro na Cidade de São Paulo.





## **BRUNA LONGO**

Atriz e dramaturga. Mestre em Movement Studies pela Royal Central School of Speech and Drama - University of London, Reino Unido, 2010. Entre seus trabalhos mais recentes como atriz estão: Os 3 Mundos, com direção de Nelson Baskerville, no Teatro Popular do SESI (2018); Um Dez Cem Mil Inimigos do Povo, de Cassio Pires sobre texto de Henrik Ibsen. Direção: Kleber Montanheiro (2016); Ópera do Malandro, de Chico Buarque de Hollanda. Direção: Kleber Montanheiro (2014/15); Crônicas de Cavaleiros e Dragões, de Paulo Rogério Lopes. Direção: Kleber Montanheiro. Teatro Popular do SESI (2013); Kabarett, direção: Kleber Montanheiro (2012/14); Cabeça de Papelão, de Ana Roxo sobre conto de João do Rio. Direção: Kleber Montanheiro. Prêmio de Melhor Atriz no Festival de Teatro de Taubaté em 2013 (2012/16); Cada Qual no Seu Barril, dramaturgia corporal de Bruna Longo e Daniela Flor. Direção: de Kleber Montanheiro. Indicada como melhor atriz ao prêmio FEMSA de Teatro Infantil e Jovem em 2012 (2011/2018); Carnavalha, de Bruna Longo. Direção: Kleber Montanheiro (2011); The Marriage of Medea. Direção: Eugenio Barba. Holstebro, Dinamarca (2008); Landrus & Cassia, escrito e dirigido por Brian O'Connor. Virginia, EUA (2007); Shentai - The Circus Must Go On. Direção: Martha Mendenhall. Virginia, EUA (2007); Ur-Hamlet. Direção: Eugenio Barba. Ravenna, Itália - Helsingør, Dinamarca - Holstebro, Dinamarca - Wroclaw, Polônia (2006/09). É também preparadora corporal e diretora de movimento, tendo trabalhado em dezenas de projetos na Europa, Brasil e Estados Unidos.



